

Diversão & Arte

O **HOMEM**
QUE MUDOU OESTRELADO POR **BRAD PITT**, O FILME **F1** PRODUZ ADRENALINA A PARTIR DE UMA TRAMA ENVOLVENDO DOIS PILOTOS DE UMA EQUIPE DE CARROS DE CORRIDA

» RICARDO DAEHN

Foram tentativas frustradas, e, depois de 20 anos, na luta por emplacar um filme de corrida, fosse de moto ou carro, o astro Brad Pitt acertou o alvo. Com o respaldo de megaprodutores como Jerry Bruckheimer (*Amageddon* e *Bad boys*) e Lewis Hamilton, sete vezes campeão de F1, Pitt declarou sobre F1, a estreia de hoje: “Foi uma das experiências mais extraordinárias que já tive. Acho que transparece na tela”. O diretor de fotografia chileno Claudio Miranda — lembrado por *As aventuras de Pi*, *Top Gun: Maverick* e *O curioso caso de Benjamin Button* — assumiu o enquadramento, em muito sob a perspectiva dos pilotos do filme chamados Sonny Hayes (Pitt) e Joshua Pearce (Damon Idris), e que, por vezes, dispunham (sem

dublês) da habilidade dos astros, ao volante. Perseguido realismo, a equipe de cinema fimou em circuitos reais de corridas, culminando com registros, em 2024, da etapa do Grand Prix de Abu Dhabi.

“Enferrujado”, três décadas longe do curso da Fórmula 1, Sonny dá exemplo de reconfiguração de estratégias e de valores, nas pistas. Já, na vida real, na pré-estreia do filme em Londres, o filme do mesmo cineasta de *Top Gun: Maverick*, Joseph Kosinski, propiciou o encontro das lendas Pitt e Tom Cruise (que encabeçaram *Entrevista com o vampiro*). O estimado orçamento de US\$ 200 milhões para bancar F1 equivale ao resultado de bilheteria, no primeiro fim de semana, do novo filme de Cruise (o derradeiro *Missão: Impossível*). Do mesmo cineasta de *F1* e *Oblivion* (2013), *Maverick* (que contou com Cruise) rendeu quase

US\$ 1,5 bilhão.

No cenário de vigor das gigantes McLaren e Ferrari, a fictícia equipe APXGP (em que Sonny e JP se unem, e desunem) emplaca uma “lata velha” para o chamado “coroa” Sonny. Mas, ele não demora a vaticinar: “Com este carro, esqueçam”. Impondo dedicação e trabalho duro para os colegas, o piloto, que ruma glórias do passado, concentrado tão somente no trabalho em campo, de disparada em velocidade, renega aquilo que, para JP (e sua contemporaneidade), faz todo o sentido granjear mídia, engajamento e seguidores nas redes sociais.

Se trata, brevemente, de personalidades como Ayrton Senna, Michael Schumacher, Nigel Mansell e Alain Prost, na tela, *F1* deu chão para outra admiração: aos 33 anos, Damon Idris chamou o colega, Pitt (61), de “monumento vivo

do cinema”, e à revista *People*, celebrou a equidade de papéis, fator assegurado por Pitt: “Ele fez questão de que os dois personagens fossem iguais — então estou extremamente em dívida com ele, e mal posso esperar que as pessoas assistam”. A escalada da dupla parte de um momento crítico para Ruben (papel de Javier Bardem), magnata que, em dívida de US\$ 350 milhões, reclama a experiência e o conhecimento de Hayes.

Nos bastidores do filme, o domínio de dados fluiu de Lewis Hamilton. “Ele nos manteve na linha, dizendo: ‘Não, isso não funciona’, até mesmo em relação ao som e das reverberações”, pontuou, Pitt, à imprensa estrangeira. No roteiro do longa, o barulho vem da turbulência mantida entre os protagonistas, que, mesmo da mesma equipe, trocam farpas de “babaca” e “cara de idiota”, enquanto

Sonny detecta Pearce (o JP) como “convencido e arrogante”. Num primeiro momento, em cenário de perdedores, falidos, os componentes da APXGP terão destino ainda mais posto à prova, dadas as penalidades e infrações — para além de graves acidentes.

Com expresse “grande respeito pelos pilotos de F1 e pelas velocidades alcançam”, o ator Damon Idris não chegou à velocidade dos 320 km de campeões, mas correu muito em cenas que contemplaram o GP da Itália (Monza), o berço da F1 (em Silverstone) e o Grand Prix em Liège (Bélgica). No corre-corre do cotidiano, os pilotos terão nutridas as relações pessoais em torno de figuras como Bernardete (Sarah Niles), a mãe de JP; Kate (Kerry Condon), a diretora técnica da equipe de corridas e ainda Tobias Merzies, que interpreta o ambivalente papel de Banning,

BONECA PERVERSA

A evolução e a capacidade de mudar de opinião dos humanos são tópicos moderadamente tratados na trama do novo filme de Gerard Johnstone, *Megan 2.0*, que, contrapõe a voluntariosa boneca robô (que emplacou enorme sucesso de público nas telas, há três anos) com novas tecnologias e oponentes. A icônica protagonista se afasta de terror e fica colada no cinema de ação.

Um empresário cadeirante (Alton Appleton, papel de

Jemaine Clement) sabota a linha de frente dos tutores de Megan (com personagens de Allison Williams, Brian Jordan Alvarez e Jen Van Epps). Com direito à homenagem ao clássico *Metrópolis* (filme de Fritz Lang, de 1927), *Megan 2.0* traz piadas infames, arremedos de lobotomia e citações ao filme de Batman (da caverna ao carro desgovernado). Aristotele Athari tem papel de destaque no filme que ainda especula em torno de ética nos limites do uso de IA.



ITALIANÍSSIMO



Com a oportunidade única de assistir ao clássico de Federico Fellini *A doce vida* (feito em 1960, e programado para exibição no sábado), a 8 1/2 Festa do Cinema Italiano tem programação a partir de hoje, no Cine Cultura Liberty Mall. Basta uma citação da bíblia dos cinéfilos Tudo sobre cinema, em torno do filme — “Impelida pelos excessos que narra, a imaginação visual de Fellini entrou em marcha acelerada e sua imageria barroca desembestou

de vez” —, para entender a importância dele. A sessão será às 20h10 do sábado. Antes, a partir de hoje, estão programados: às 18h30, O último chefe, estrelado por Toni Servillo, e que conta os descaminhos de mafiosos prestes a se aposentarem; e às 20h50, O barbeiro conspiracionista, fita em torno da dissolução da vida de um homem comum que começa a se sentir extremamente perseguido, a partir de sinais de um poste de luz.